

Formação Identitária e Segregação Social: encontros e desencontros no bairro operário Belenzinho, São Paulo.

Regina Soares de Oliveira¹

Resumo: O texto apresenta alguns antecedentes da formação do bairro operário Belenzinho, em São Paulo, debatendo como a fragmentação do espaço geográfico provocada por uma série de intervenções urbanas a partir de 1960, deixou marcas na paisagem e contribuiu (ou não) à preservação de identidade e memórias que ali se fazem presentes. Apresenta-se o histórico do bairro operário e busca-se compreender o impacto dessas intervenções urbanísticas, que o dividiram em Belém e Belenzinho. Os conflitos sociais decorrentes dessa espacialização e da tentativa de reafirmação identitária, estão expostos através de zonas de segregação de grupos dentro do território, embora muitas vezes sejam compostos por indivíduos que pertencem a uma mesma classe social.

Palavras-Chave: segregação social, conflitos sociais, memória.

Abstract: The text shows some antecedent of formation of the laboring quarter Belenzinho, in São Paulo, considering as fragment of geographic space provoked by a series of urban interference since 1960; from then on left evidence on the landscape and contributed (or not) to preservation of identity or historical memory to be a part of whom. It shows of the laboring quarter is presented and searching to comprise the impact theses urbanity interventions that had divided it in Belém and Belenzinho. The decurrent social conflicts deriving of those spaced and the experiment of identify oneself with reaffirming, are displayed through zones of segregation of groups inside of the territory, even so many times are composites for individuals that belong to one same social classroom.

Keywords: social segregation, social conflict, historical memory

Introdução

O bairro Belenzinho foi criado em 1899, por meio de uma lei municipal que o desmembrou do distrito do Brás. A região anteriormente era constituída por chácaras e reservada ao lazer da elite paulistana.

Com o surto da industrialização vivido pela cidade de São Paulo, entre o final do século XIX e primeira década do XX, essa paisagem alterou-se completamente, as chácaras deram lugar a uma nova arquitetura industrial.

O bairro se inseriu em um processo maior vivido pelo Estado de São Paulo, tendo que se adequar as exigências do modelo econômico adotado a partir da metade do século XIX, marcado tanto pelo eixo agrário-exportador das lavouras de café como pela produção industrial.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP

Inicialmente as principais transformações ocorreram no bairro lindeiro ao Belenzinho, o Brás. Bairro que teve suas características alteradas a partir da chegada da ferrovia, primeiro a São Paulo Railway, em 1867, e posteriormente a Estrada de Ferro do Norte, em 1877. Dez anos depois, outra grande transformação dar-se-ia na região com a instalação da Hospedaria do Imigrante.

A Hospedaria trouxe um afluxo contínuo de imigrantes à região, especialmente italianos, fazendo com que bairros próximos como Belenzinho e Mooca, também sentissem as transformações que ali ocorriam.

Em 1900, a população da cidade de São Paulo chegou a 240 mil habitantes, tornou-se necessário implementar serviços urbanos até então inexistentes como: iluminação, calçamento de ruas e transporte público. Era iminente nesse processo de acumulação do capital, prover moradias aos trabalhadores da incipiente indústria paulista, desde que essas não fossem muito distantes dos locais de trabalho.

Delineou-se na expansão da cidade um padrão urbano bem demarcado, separando classes sociais distintas. Os bairros considerados nobres – geralmente no eixo sudoeste do município – dotados de adequada infra-estrutura – destinaram-se à população de renda mais alta. As várzeas de vale e regiões alagadiças – onde os terrenos eram mais baratos – ficaram restritas à população de baixa renda, através da construção de habitação de baixo custo ou mesmo, contemplando a aquisição de terrenos que pudessem servir a implantação do parque industrial.

A estruturação espacial associa-se à conformação social que a cidade adquire: formam-se bairros operários, assim como se formam bairros de alta burguesia. Os chamados bairros operários ocupam principalmente as zonas de várzea, inundáveis e insalubres. Eventualmente, nestes bairros operários são construídas casas para a pequena ou mesmo a alta burguesia, mas o que predomina no bairro são as casas operárias lado a lado com a fábrica. Por outro lado, as zonas altas, tidas como saudáveis e mais caras, vão sendo ocupadas pelos vários segmentos da burguesia. Entre as casas burguesas erguem-se, eventualmente, casas de operários ou formam-se cortiços e vilas, mas não são estes os predominantes.. (BLAY, 1985:51)

Este texto contextualiza o surgimento de bairros operários como o Belenzinho, apresenta os pressupostos de ocupação dessa região e pretende demonstrar como, na ocupação do bairro, já aparecem indícios do processo de segregação entre classes. “Implantou-se, pois um padrão urbano de características desiguais, trazendo seus componentes de exclusão e segregação” (VERAS, 1992:86).

Transformação Social e Intervenção Urbana

A principal característica dos bairros operários no começo do século XX deu-se pela concentração de fábricas e moradias – cortiços, vilas, etc. – muito próximos um do outro. O Belenzinho e seus vizinhos, bairros como Mooca e Brás destacaram-se pela “maior concentração de fábricas e operários da cidade de São Paulo (...) a indústria passando a ser o elemento fundamental de integração desses bairros” (ANDRADE, 2000: 7)

A essa característica física dos bairros operários, somou-se a herança cultural de seus moradores, em sua maioria imigrantes italianos, que ao deslocaram-se de seu país de origem, buscaram preservar suas características culturais. Constituiu-se assim, uma integração segregada que segundo ANDRADE (1991) determinaria uma identidade nítida nesses locais.

A concentração aí da população, da indústria, do comércio, de serviços, de escolas, de atividades culturais diversas, de formas diversas de associação entre trabalhadores e de formas embrionárias do movimento sindical, indica a formação de um núcleo complexo de vida social que se manteve até meados do século XX. (ANDRADE, 2000:8)

Na década de 1930 ocorreram dois movimentos consecutivos no Belenzinho: a saída do bairro, de imigrantes que conseguiram enriquecer e se mudaram para locais dotados de melhor infra-estrutura e a chegada de uma nova leva de trabalhadores, com origem na migração inter-regional – que se dirigiram ao bairro em busca das ofertas de emprego.

Paralelamente as essas transformações ocorreram outras no campo cultural, a partir da chegada dos migrantes ao Belenzinho e Brás: novos sotaques, comidas, hábitos e cheiros foram percebidos. Gradativamente o sotaque italiano foi substituído pelo nordestino.

A partir de 1950, intervenções urbanas e modificações econômicas começaram a transformar a paisagem dos bairros operários. Sugiram novas delimitações físicas, apagaram-se marcas da memória operária do espaço urbano e os recursos financeiros, através de planos econômicos, redirecionaram-se para outras regiões. Iniciou-se na região, o processo de esvaziamento das atividades comerciais e perda populacional.

Entre 1960 e 1980, duas grandes obras consolidaram a descaracterização do bairro. A construção de uma via de circulação rápida, a Avenida Radial Leste, a partir de 1960 e as obras do metrô da Linha 3 – Vermelha, que construíram no Belenzinho duas estações, respectivamente Bresser (1979) e Belém (1980).

Com o refluxo da indústria têxtil na região apareceu uma nova atividade comercial ligado à comercialização de retalhos e confecções. Nos anos 80, de maneira geral, muitos trabalhadores perderam seus empregos em função de nova crise econômica.

Como resultado desse processo, bairros operários como Belenzinho e Brás, que mantinham uma vocação industrial forte, tornaram-se atrativos ao desenvolvimento de alternativa de renda às pessoas desempregadas – o comércio ambulante. Os camelôs viram no uso do espaço público (praças, calçadas e ruas), o local para exposição de seus produtos, imprimindo uma nova marca na paisagem do bairro operário, a disputa pelo espaço público.

Novas territorialidades surgiram no Belenzinho a partir das intervenções urbanas, descaracterizando-o, em determinados pedaço, enquanto bairro operário. Vieram abaixo diversos quarteirões, fábricas e habitações foram demolidas, o bairro foi dividido ao meio e houve a conseqüente expulsão de parcela das famílias, através das desapropriações de imóveis. Esse processo gerou novas segregações, a partir da criação de territórios destinados a uma classe que se mostrou desejosa por residir próximo às estações de metrô e ao centro da cidade.

O Belenzinho atualmente ainda mantém algumas características do bairro de outrora, embora fique evidente a renovação urbana, marcada pela especulação imobiliária, verticalização da região e novos usos dos espaços.

Atualmente existem dois padrões de ocupação no bairro: o núcleo principal com seu centro comercial, a Igreja Matriz, a parte mais baixa do bairro (antiga zona de várzea) – onde concentram-se as antigas vilas operárias, os cortiços, galpões e edifícios abandonados, uma favela e pequenos comércios e um novo núcleo, próximo as estações de metrô.

Na parte mais antiga – Belenzinho – a renovação urbana deu-se por meio do surgimento de novos empreendimentos imobiliários construídos em antigos galpões de fábricas, que demolidos cederam espaço a conjuntos habitacionais para a classe média. Deu-se também a construção de moradias populares, financiadas pelo poder público, em um prédio que abrigava um grande cortiço e na antiga sede de um banco.

Recentemente ocorreu a desativação de uma unidade da FEBEM – no bairro desde 1905 e conhecida como Reformatório Modelo – que em obras, abrigará o Parque Estadual Belém. A parte mais “nova” do bairro, Belém, tem se caracterizado pela verticalização, através da concentração de prédios, pelo uso comercial de antigos casarões e pela instalação de colégios particulares.

Percepções sobre o outro e novos rumos ao velho bairro

Segundo ELIAS (1990) a relação do estrangeiro dentro das cidades foi construída de maneira ambígua, pois embora necessitasse desse indivíduo, a cidade negou-lhe condições para que se apropriasse do espaço, diferenciando os “de dentro” e os “de fora”.

O imigrante tanto foi visto como um ser exterior aos elementos nacionais, como procurou ser incorporado à cidade, reafirmando seus valores e percepções, criando um território particular. Aqui nos parece que o elemento de segregação deu-se como reação a uma determinada ação iniciada pelos nacionais.

No caso dos bairros operários está claro, que eles propiciavam a manutenção da indústria oferecendo-lhe núcleos onde a mão-de-obra era abundante. No entanto, seus moradores considerados como os “de fora”, constituíram dinâmicas próprias para assegurar sua sobrevivência dentro da cidade.

A tentativa de romper os estigmas imputados aos imigrantes foi responsável pela menção à existência de uma “outra cidade” nos bairros operários. Locais segregados dentro da cidade, onde existiam dinâmicas e mecanismos próprios que garantiram pouco contato com o centro da cidade, rompendo com a lógica da dependência periferia – centro, gerando locais com identidades próprias.

O processo de guetização de um determinado segmento populacional também foi estudado por PARK (1973), e permitiu-nos inferir duas facetas balizadas tanto pelo processo de modernização vivido pelas cidades, como pela aproximação e estreitamento de laços, enquanto forma de resistir e preservar algumas características originais de grupos específicos.

O primeiro eixo dessa preocupação nos permite questionar, se ao deixar o bairro operário por outro, não estigmatizado, o imigrante não estaria em busca de ser incorporado e aceito como membro do grupo “de dentro”, visto que economicamente essa barreira já fora quebrada?

O segundo eixo dar-se-ia sobre a natureza da relação imigrante-migrante: imputou-se muitas vezes ao migrante a responsabilidade pela descaracterização do bairro, desconsiderando fatores econômicos e urbanísticos. Podemos questionar que essa postura, por parte de antigos moradores do bairro – italianos - reproduziria um discurso que se assemelhava as críticas que os próprios receberam, quando da ocupação da região?

O bairro está dividido por grupos socialmente distintos, que ocupam espaços diferentes dentro do mesmo. A população mais pobre ainda habita a antiga zona de várzea,

espaço que mantém algumas das características que marcaram o bairro operário: o convívio de trabalhadores, moradias e oferta de trabalho.

Essa pesquisa, em andamento no programa de pós-graduação, busca pressupostos para compreender os motivos da manutenção no Belenzinho, de um padrão de ocupação que concentrou determinado grupo social: a região mais baixa teve o seu histórico associado à moradia operária. Ao mesmo tempo, visa levantar indícios dos mecanismos que asseguraram a manutenção das características do bairro operário, considerando que em várias partes da cidade de São Paulo, essa memória foi substituída a partir de uma renovação urbana.

O Belenzinho considerado anteriormente um bairro italiano, atualmente é um bairro em busca de uma identidade própria. Já não é italiano, mas o sotaque nordestino está confinado a espaços delimitados. A arquitetura presente no bairro revela-nos aspectos importantes de sua história, no entanto, em bairros vizinhos, essa arquitetura deu lugar a modernos prédios, alterando completamente a paisagem.

Existe no bairro uma disputa pelo espaço: são grupos distintos querendo reafirmar seus lugares, seus padrões e definir a nova vocação do bairro, incluindo-se nesse sentido, a disputa por reafirmar o nome do bairro. Dessa forma, Belenzinho marcaria o velho bairro, enquanto o novo tornou-se Belém.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Margarida Maria de. *Brás, Mooca e Belenzinho: formação e dissolução dos antigos bairros “italianos” além-Tamanduateí*. In: **Travessia Revista do Migrante**. Ano XIII, nº 38, São Paulo: CEM, set-dez/2000, pp.5-10.

ANDRADE, Margarida Maria de. **Bairros além Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho São Paulo**. Tese de Doutorado, FFLCH, 1991.

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo, Nobel, 1985.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000.

GOMES, Sueli de Castro. **Do Comércio de Retalhos à feira da Sulanca: uma inserção de migrantes em São Paulo**. Dissertação (Mestrado). São Paulo, FFLCH, 2002.

PARK, Robert Ezra. *A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano* In: VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2ª ed. 1973. pp. 26 – 67.

PENTEADO, Jacob. **Belenzinho, 1910**: retratos de uma época. 2ª ed., São Paulo, Carrenho Editorial, 2003.

REALE, EBE. **Brás, Pinheiros, Jardins**: três bairros, três mundos. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1982.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Cortiços em São Paulo: velhas e novas formas da pobreza urbana e da segregação social*. In: BÓGUS, Lúcia Maria M.; WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **A Luta pela Cidade de São Paulo**. São Paulo, Cortez, 1992, pp. 81-126.

_____. *Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo*. In: BÓGUS, Lúcia Maria; RIBEIRO, Luiz Cesar Q. **Cadernos Metrópole**, nº 2, São Paulo, EDUC, 1999.